

# A infância hoje

Tania Beatriz Iwaszko Marques

## Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em refletir sobre o que significa a infância e o ser criança hoje, de acordo com distintos pontos de vista. A primeira parte dedica-se a diferentes definições de infância e do ser criança. A segunda refere-se a dados históricos sobre as formas como a infância foi e é concebida. O terceiro aspecto a ser focado são algumas relações entre infância e pensamento, momento em que é analisado e questionado o mito da infância feliz. Finalmente, tenta-se refletir sobre o significado da infância hoje.

**Palavras chave:** Infância, Psicologia do Desenvolvimento, Educação.

## Abstract

The aim of this paper is to reflect about the meaning of childhood and what it is to be a child today. The first part focuses on different definitions of childhood and being a child. The second part focuses on historical data about the ways childhood was and is conceived. The third aspect to be focused on is some relationships between childhood and thoughts, a moment where the myth of a happy childhood is analyzed and questioned. Finally, we try to reflect about the meaning of childhood in the present days.

**Key Words:** Childhood, Development Psychology, Education.

## DEFINIÇÕES

O primeiro passo para se falar de infância consiste em tentar definir o termo, sob diferentes pontos de vista. A primeira consulta e a mais óbvia é a do dicionário (Aurélio), onde a *infância* é definida como:

Período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade. Período da vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo os caracteres anatômicos, fisiológicos e psíquicos, se divide em três estágios: *primeira infância*, de zero a três anos; *segunda infância*, de três a sete anos; e *terceira infância*, de sete anos até a puberdade.

Ainda no dicionário, encontramos o significado do termo *criança*: “Ser humano de pou-

ca idade, menino ou menina” (Idem).

Valendo-se de outro critério, pode-se definir a *criança* sob o ponto de vista legal, fazendo, para isso, referência ao Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei de 13 de julho de 1990), que define no Art.2:

Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Definição muito distinta dessas encontramos em Gagnebin

... a palavra *infância* não remete primeiro a certa idade, mas sim àquilo que caracteriza o início da vida humana: a incapacidade, mais, a ausência de fala (do verbo latim *fari*, falar, dizer, e de seu participio presente *fans*). A criança, o *in-fans*, é primeiro aquele que não fala... (Gagnebin, 1998, p. 87).

Tania Beatriz Iwaszko Marques é Psicóloga, Mestre em Psicologia da Educação e doutorando em Educação e Professora Assistente de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da UFRGS. Professora Adjunta de Psicologia da Educação da ULBRA.

Textura	Canoas	n. 2	1º semestre de 2000	p. 111-115
---------	--------	------	---------------------	------------

Poder-se-ia buscar outras definições, porém o que se pode concluir a partir das expostas é que, de acordo com a lente que usamos, de acordo com os diferentes critérios, teremos definições bastante distintas.

## HISTÓRIA

Será que, ao longo da história, a criança sempre foi considerada da mesma forma como o é hoje? Será que sempre foi vista e entendida da mesma maneira? Embora se tenha uma tendência a julgar os fatos passados a partir de nossa atual concepção de mundo, é importante fazer algumas considerações sobre a criança em outros tempos. Uma visão bem humorada do papel da criança pode ser encontrada em Acselrad, no livro “Confidências de um recém-nascido”. Segundo ele, há milhões de anos, um espírito encarna em recém-nascidos, permanecendo com eles no primeiro mês de vida, período depois do qual encarna em outro recém-nascido. Para ele, na época das cavernas, os bebês tinham uma utilidade prática, que era a de avisar os pais sobre a aproximação de dinossauros. Quando os bebês choravam, os pais o arremesavam à “parede”. Se essa ação, contudo, não surtisse o efeito de cessar o choro era porque dinossauros estariam se aproximando, o que só poderia ser captado pelos sentidos apurados do recém-nascido. Pergunta-se, esse fictício espírito, qual a utilidade dos bebês na atualidade, já que não há dinossauros e, mesmo assim, continuam existindo e chorando.

Um ponto de vista mais sério é o de Alain Rideau (*apud* Gauquelin e Guaquelin, 1978), que fala da maneira como a criança era encarada há até cerca de um século.

A criança foi considerada como uma espécie de modelo reduzido do adulto; para realizar esse modelo bastaria ater-se aos conhecimentos adquiridos pelo adulto, estabelecendo uma proporção entre eles e a estatura da criança (*apud* Gauquelin e Gauquelin, 1978, p.171).

Looff é outro autor que ressalta esse ponto de vista, afirmando que: “Durante séculos as crianças foram consideradas como nada mais

do que versões menores, mais fracas e tolas dos adultos” (*apud* Papalia e Olds, 1981, p. 27).

Philippe Ariès também salienta esse papel insignificante destinado às crianças ao longo da história da humanidade.

Os adultos não viam as crianças como qualitativamente diferentes de si próprios, nem como tendo necessidades especiais, ou fazendo quaisquer contribuições significantes para seu próprio desenvolvimento (*Apud* Papalia e Olds, 1981, p. 27).

Papalia e Olds (1981) chamam a atenção para o fato de mesmo os artistas, até o século XIII, não reconhecerem a diferença de aparência entre adultos e crianças, retratando-as com feições adultas, porém, em tamanhos menores. A partir do século XVIII e em função de fatores sociais, econômicos, religiosos e científicos, começa a surgir uma nova concepção de criança, que passa a ser considerada como tendo características próprias e ser merecedora de cuidados e atenções especiais.

Os adultos começavam a sentir-se mais responsáveis pela maneira por que as crianças se desenvolviam, ao invés de apenas aceitarem a má sorte ou o mau comportamento como algo decidido pela sorte (Papalia e Olds, 1981, p. 28).

Para melhor educar a criança, passa-se a observá-la, estudá-la e a elaborar teorias sobre o seu desenvolvimento.

## INFÂNCIA E PENSAMENTO

Ao discutir as relações entre infância e pensamento, Gagnabin afirma que, antes de Rousseau, havia uma certa relação entre a natureza humana e a razão e que a segunda imperava sobre a primeira, já que a razão seria o “rastros da inteligência divina em nossa alma”. Ele, entretanto, subverte essa ordem de coisas e, a partir daí, “começamos a desconfiar da razão e a confiar ilimitadamente na natureza” (Gagnabin, 1998, p.91).

No seu livro *Emílio*, Rousseau mostra a preocupação com a natureza diversa da criança, estando atento aos seus ritmos próprios, e

pondo-se à disposição para aguardar a “maturação natural das faculdades infantis” (Gagnabin, 1998, p.93). Não há, portanto, pressa para que a criança torne-se adulta. A criança tem o seu espaço garantido na sociedade, enquanto criança. Em função disso, concebe-se a escola como um espaço próprio para aguardar o crescimento infantil segundo seus “ritmos naturais” (Gagnabin, 1998, p.95).

Ao refletir sobre o significado de tal postura adotada por Rousseau, Gagnabin afirma que

trata-se, pois, de assegurar na infância o lugar privilegiado de uma felicidade e de uma proximidade da natureza que o adulto tem por missão sagrada não só reconhecer e defender, mas também reencontrar como fundamento íntimo de si mesmo (Gagnabin, 1998, p..94-5).

Mais adiante, essa autora continua afirmando que Rousseau inaugurou “a infância como paraíso, perdido mas próximo”. Salienta, ainda, apoiada nas idéias do psicanalista Contardo Calligaris, que “a construção de uma infância idealizada nos ajuda” de forma que posamos “nos livrar das mágoas e das insuficiências que carregamos na existência restante” (Gagnabin, 1998, p..94-5).

Surge, então, com Rousseau, aquilo a que se pode chamar de “mito da infância feliz”.

A partir do final do século passado, Freud mostra-nos uma criança bem diferente daquela envolta em bondade ou que tende à bondade naturalmente. Ao contrário, ela usa todos os instrumentos à sua disposição para buscar sua própria satisfação. Quando recém-nascida, chora e precisa do seio materno ou do seu aconchego e não importa se se está no meio da madrugada. A mãe está cansada? Isso não é problema seu. Será que as mães, por instinto, abrem mão do seu próprio prazer e necessidade de dormir? Com o passar do tempo a criança começa a viver conflitos em que tem que reprimir seus impulsos em troca do amor dos pais. Também, para Freud, a infância não é feliz. Descreve a criança como “perversa polimorfa”, condição que a obriga a situações de repressão que a farão abrir mão, cada vez mais, do princípio do prazer a caminho do princípio de realidade. A civilização, segundo Freud, constrói-se com base na repressão.

Mais recentemente, podem-se ver alguns mitos recriados em versão *best-seller*, na obra *Inteligência Emocional; a teoria que redefine o que é ser inteligente* (Goleman, 1995). Logo no prefácio à edição brasileira, verificam-se duas passagens em que aparece o mito de um passado em que a criança era feliz quando ele afirma que “há indicadores de um crescente desconforto emocional, sobretudo entre as crianças” e que “os pais, em nossos dias, exercem sua paternidade sob tensões e pressões de ordem econômica que não existiam na época de nossos avós”. Há uma idealização do passado em que, sim, as coisas eram mais fáceis e as crianças mais felizes. Nessa obra, o autor trabalha as relações entre razão e emoção, não superando tal dicotomia e, para isso, “tem que destruir a razão para valorizar a emoção” (Becker e Marques, 1999). Recria, de certa forma, a idéia de que a infância seria originariamente feliz, recorrendo à idéia do instinto no cuidado com os filhos. A leitura da filósofa francesa Elisabeth Badinter (1985) pode ser recomendada quando, na página 26, Goleman menciona o instinto de proteção que os pais têm pelos filhos.

Ao contrário de Goleman, Badinter, no seu livro “Um Amor Conquistado; o Mito do Amor Materno”, tenta desmontar, através de uma exaustiva pesquisa sobre as condições de vida da criança a partir do século XVI, na França, o mito do instinto materno. Embora não o diga explicitamente, desmonta, também, o mito da infância feliz.

Até o século XVII, segundo as pesquisas da autora, o pai era comparado a Deus, na relação com os filhos (p. 41). O direito de propriedade dos pais sobre os filhos começou a ser contestado em nome da doutrina católica. Dessa forma, afirma a autora:

O primeiro direito suprimido foi o de morte, pois o pai não pode destruir o que foi criado por Deus. Desde os séculos XII e XIII, a Igreja condena vigorosamente o abandono dos filhos, o aborto e o infanticídio (Badinter, 1985, p.42).

Para evitar o infanticídio, porém, foi necessário tolerar o abandono e, por isso, criam-se, “no século XVII, as primeiras casas para o acolhimento de crianças abandonadas” (Badinter, 1985, p.43). Apoiando-se em muitos dados



históricos e na análise da realidade atual, a autora conclui que “não há comportamento materno suficientemente unificado para que se possa falar de instinto ou atitude materna *em si*” (Badinter, 1985, p. 346). Ao analisar um relatório, produzido em 1979, na França - portanto, recente e provindo de uma nação desenvolvida -, verificou-se uma preocupação com

*Os maus-tratos por omissão, ou seja, a criança moralmente entregue a si mesma. Trata-se de casos ainda mais freqüentes e difíceis de detectar na medida em que não deixam sinais de golpes, ferimentos ou fraturas. As violências cometidas contra as crianças ou o abandono de que são vítimas bastariam para mostrar que o amor dos pais e particularmente o da mãe não é natural, que as provas de amor e o devotamento não existem necessariamente* (Badinter, 1985, p.360).

Depois disso, pode-se perguntar: onde está a infância feliz?

Com estilo completamente diferente, Janusz Korczak, em “Quando Eu Voltar a Ser Criança” brinda-nos com uma obra excelente onde fica evidente que, também para ele, não existe a infância feliz. Isso fica claro quando volta à sua infância, mantendo, porém, sua memória de adulto. Na introdução à edição brasileira dessa obra, Tatiana Belinsky afirma:

Fora alguns momentos bonitos: um claro dia de neve, um *namoro* infantil, um cachorrinho encontrado na rua, - são tantos os problemas! Tantas incompreensões, arbitrariedades, autoritarismo, injustiças, violências morais e físicas que a criança tem de suportar, calada e submissa. Até as manifestações de *carinho* de certos adultos são tantas vezes grosseiras, desagradáveis e humilhantes... (Korczak, s/d, p.6).

## A INFÂNCIA HOJE

Ao falar da infância hoje, não se podem fazer, obviamente, generalizações absolutas, que abranjam todas as classes sociais, todas as regiões do planeta, para citar só algumas variáveis. Há aquelas crianças submetidas ao trabalho exaustivo, desde os quatro ou cinco anos de

idade e há aquelas submetidas a situações de guerra - veja-se o exemplo recente de Kosovo.

Todas as crianças kosovares, sem exceção, estão traumatizadas. Algumas viram suas vilas ardendo em fogo, outras testemunharam o assassinato dos próprios pais (...) Quando voltarem a suas casas terão que enfrentar uma realidade assustadora...’, disse Elvana Zhezha, assistente social albanesa... (Folha de S. P., 13.06.99, p.18)

Falemos daquelas que estão próximas de nós... nossos filhos: bonitos, saudáveis, satisfeitos. Felizes?

Na década de setenta, a psicologia behaviorista recomendava limites exagerados na educação das crianças, como se essas tivessem a mesma capacidade intelectual ou afetiva de um adulto, ou, outras vezes, de um rato... Recomendava-se, por exemplo, que não se pegasse no colo o recém-nascido, para que não ficasse manhoso. Isso depois de todos os avanços conseguidos desde Rousseau!

Após esse período, de limites exagerados, passou-se a uma situação confusa, onde se verifica uma dificuldade quase generalizada em ajudar as crianças a construir seus limites, para que possam satisfazer seus desejos dentro de condições da realidade e de acordo com padrões sociais, morais, éticos e religiosos. Tem-se a impressão de que se está esperando que a natureza da criança manifeste-se espontaneamente, como propunha Rousseau. Só que agora o motivo seria outro, isso é, o medo dos pais de perder o amor dos filhos.

Vê-se, portanto, que o dilema entre a predominância da razão ou da natureza humana, apontado por Gagnabin, continua a existir no cotidiano dos intelectuais e, também, das demais pessoas.

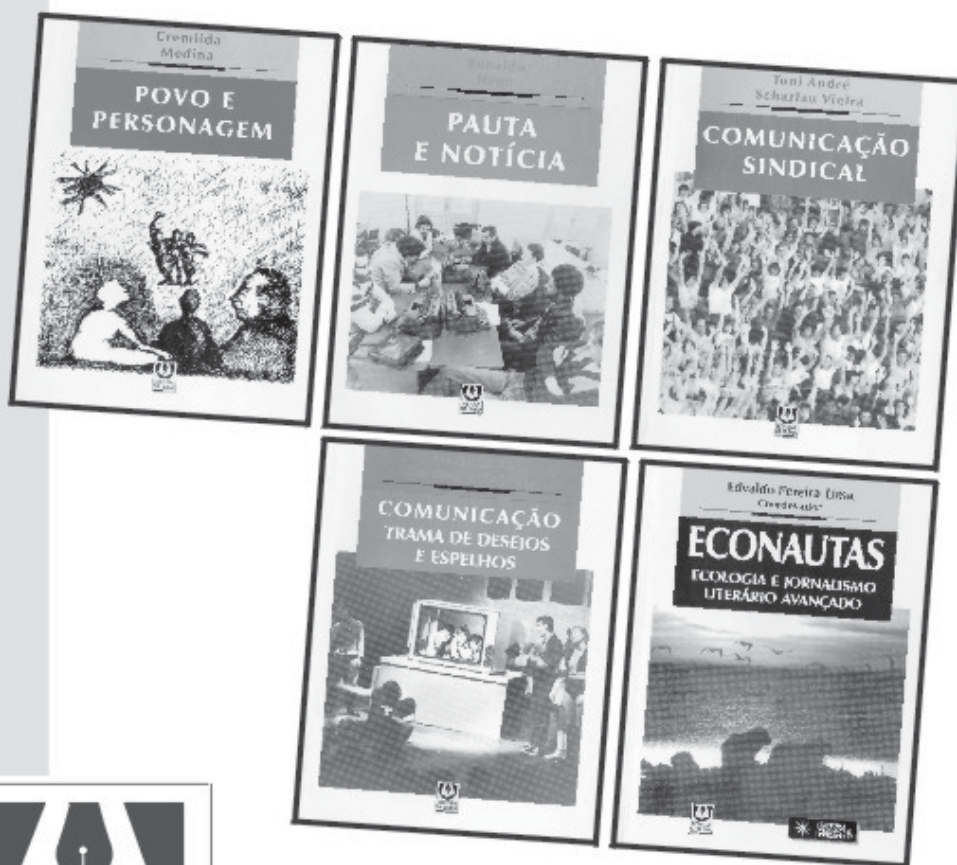
Conclui-se com um questionamento: Será que a infância hoje é mais feliz? Ou, como quer Goleman: será que nossos avós eram mais felizes? As situações são, de fato, diferentes. A criança atual, indubitavelmente, está cercada de mais direitos. Os confortos externos são, sem dúvida, maiores, basta observar o declínio da mortalidade infantil. Os conflitos internos, porém, serão menores, obrigadas que são a serem felizes a qualquer preço?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACSELRAD, Carlos. **Confidências de um recém-nascido**. São Paulo: Página Aberta, s.d.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado. O mito do amor materno**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BECKER, Fernando e MARQUES, Tania. Razão e emoção: a busca da unidade. **Revista da AEC**, Brasília, Ano 28, n. 110, 1999.
- BUARQUE DE HOLLANDA FERREIRA, Aurélio. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. FOLHA DE SÃO PAULO. **Crianças traumatizadas recebem apoio**. S. P., 13 jun. 1999. Mundo, p.18.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e pensamento. In: GHIRALDELLI Jr., Paulo (org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo : Cortez, Ed. da UFPR, 1998. p.83-100.
- GAUQUELIN e GAUQUELIN. **Dicionário de psicologia**. Lisboa: Verbo, 1978.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional; a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 32.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.12.
- PAPALIA e OLDS. **O mundo da criança**. São Paulo: McGraw Hill, 1981.



*A leitura é um  
ótimo veículo  
de comunicação.*



*Conheça nossas publicações.*

**Um mundo de conhecimento espera por você.**

Rua Miguel Tostes, 101 - Bairro São Luís CEP: 92420-280 Canoas/RS  
Fone: (051) 477.9118 - Fax: (051) 477.9115 - E-mail: editora@ulbra.br